REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte.m.forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang.(união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 452

11 DE JULHO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Havia já certo tempo que o elevador da Estrella funccionava regularmente, sem dar que fallar de si, e isso não podia durar muito tempo.

E não durou.

Na noute de 7 do corrente, pela volta das dez horas, esse elevador que tão malfadado parece ter sido enriqueceu a historia já opulenta dos seus desastres com uma grande desgraça.

Quando subia a calçada do Combro o carro guia colheu um rapazito de 12 annos, que não se desviou a tempo e passando-lhe uma das rodas por cima do craneo matou-o instantaneamente, apezar da tal saia metallica, que depois do esmagamento d'outro pequenito no largo do Loreto, foi posta em todos os carros-guias, com o fim, dizia-se, de evitar atropellamentos futuros.

Que essa saia metallica não evita inteiramente nada acaba de o provar d'uma maneira tragica o caso do dia 7.

Esse caso produziu profunda sensação e profunda indignação entre as pessoas que o presencearam e toda a gente clamava que isto não podia continuar assim, e que a vida dos transeuntes não podia nem devia estar á mercê d'essas machinas de matadouro chrismadas com o pomposo nome de machinas de civilisação.

Houve muito alarme, muitos protestos, muita indignação, mas isso durou apenas meia hora ou uma hora e depois, o cadaver da infeliz creança foi para a casa murtuaria, e os mirones indignados foram para as suas casas, e os carros continuaram nas suas viagens muito socegadamente como se nada tivesse havido.

No dia immediato os jornaes fizeram-se echo da justa consternação que o caso provocára, pediram providencias e até agora mais nada, e naturalmente mais nada até novo desastre que provocará novos protestos, novos clamores, que depois com o tempo se calarão como tudo se cala, até outro desastre, e assim successivamente até á consummação dos seculos que é o nosso bemdito costume.

Ora é claro que por causa d'um desastre seria disparatado pedir a supressão d'esse melhoramento, que effectivamente é um melhoramento importante na viação de Lisboa e d'uma grande utilidade para uma parte importantissima da população, como seria disparatado por causa d'um naufragio pedir a supressão da navegação maritima, por causa d'uma catastrophe em comboyo pedir a supressão dos caminhos de ferro; mas o caso muda de figura desde o momento em que as desgraças motivadas por um systema novo de viação se repetem muitas vezes, se multiplicam d'uma maneira assustadora que reclama immediatas e energicas providencias.

E' enorme já a lista dos grandes desastres e dos pequenas accidentes que tem enluctado a curta historia do elevador da Estrella e a repetição dos casos desastrosos prova que não é ó o acaso que tem a responsabilidade d'essas desgraças, que fatalmente esse acaso deve ter um collaborador muito importante nos defeitos d'esse novo systema de viação, e portanto cumpre estudar esses defeitos e dar-lhes remedio efficaz e prompto, como satisfação ás desgraças passadas, como prevenção ás desgraças futuras que coisa alguma garante que se não dêem e por ventura muito maiores ainda, muito mais graves.

O elevador da Estrella presta grandes serviços é inegavel, mas se não ha maneira de evitar que esses serviços possam redondar d'um momento para o outro em grandes catastrophes, não pode haver um momento de hesitação em condemnal-o: se ha maneira de evitar evite-se então mas d'um modo efficaz, seguro, certo, e d'uma vez para sempre.

Quando ha mezes

D. ANTONIO JOSÉ DE SOUZA BARROSO

SAGRADO BISPO DE HIMERIA E PRELADO DE MOÇAMBIQUE, EM 5 DO CORRENTE

(Segundo uma photographia)

se deu o desastre no Loreto, a morte d'um outro rapasito, veio a tal saia metalica cujo effeito seria evitar futuros atropellamentos por quanto essa saia desviaria tudo que encontrasse adiante de si, não deixando que o carro galgasse sobre quaesquer pessoa que por acaso encontrasse na sua frente

As vantagens e a efficacia da tal saia metallica viram-se agora bem tristemente e o desgraçado rapasito da calçada do Combro, foi colhido, atropellado e esmagado pelo elevador como se tal saia metallica não existisse.

Porque?

Porque evidentemente essa garantia de segurança, não garante cousa alguma, não serve para nada.

E não garante e não serve porque?

Por uma rasão muito simples que devia saltar aos olhos de toda a gente, porque em vez de chegar ao chão essa saia metallica anda desviada do solo o bastante para por essa abertura poder passar o corpo d'uma creança.

E desde o momento que assim é, essa tal saia metallica não passa de poeira aos olhos do publico.

Disseram-nos que ao principio não era assim: que a saia metallica na sua primeira collocação era muito mais comprida, mas que isso se era uma garantia para os transeuntes, era um perigo para os passageiros, porque ás vezes essa saia encontrando sinuosidades do terreno fazia descarrilar ou garrar o carro e por isso não houve remedio senão levantar mais a saia.

Mas levantando-a passou a ser um objecto de luxo: o perigo para os passageiros póde ter passado mas ficou de pé o perigo permanente para os transeuntes.

Não sabemos se isto é assim ou não; mas o que sabemos é que a tal garantia não garante coisa nenhuma e que é preciso é indispensavel, urgentissimo olhar muito a serio para isto, a fim de evitar que um systema de viação que é uma vantagem para muitos, seja um perigo para todos.

*
* *

Depois da visita do novo romance de Abel Botelho, o *Barão de Lavos* cujo apparecimento noticiámos na nossa ultima chronica e de que não podemos ainda hoje fallar, primeiro porque ainda não tivemos tempo de acabar de o ler, e segundo, porque temos que fallar d'elle largamente, como tambem d'um livro que ha muito recebemos e de que ainda não fallámos por falta de espaço o *Gil Vicente* do sr. visconde d Ouguella, tivemos mais a visita de dois livros excellentes, cujo amabilissimo offerecimento muito agradecemos aos seus auctores, os *Excentricos do meu tempo* do sr. Luiz Augusto Palmeirim, e o primeiro volume do *José da Silva Carvalho e o seu tempo*, documentos para a historia contemporanea compilados e annotados pelo sr. Antonio Vianna.

Os *Excentricos do meu tempo* é um livro interessantissimo de facilima leitura.

Escripto no estylo genuinamente portuguez, tão despreoccupadamente alegre e humoristico que caracterisa Luiz Augusto Palmeirim, o novo livro do illustre academico é uma serie de pequenos perfis dos typos mais salientes da vida lisboeta n'estes ultimos 40 annos.

O livro tem 374 paginas e nada menos de 44 perfis o que quer dizer que cada um d'esses perfis é breve, rapido, lê-se em minutos apenas, leitura perfeitamente para campo, para viagem, para caminho de ferro, que não obriga a longa contensão de espirito, e que junta ao attractivo da anedocta o interesse da historia, e da historia de conhecidos nossos, de personagens que encontramos ao entrar no mundo, que vivem ainda nas nossas recordações longiquas, como a M.me Collaço, o José das Caixinhas, o abbade de Castro, o Roberto Pim Pim, o Feleciano das Seges, etc.

Não lêmos ainda o livro todo, folheamol-o apenas, lêmos aqui e ali alguns dos seus perfis, mas para mostrarmos bem o interesse do livro bastanos citar o nome do seu auctor e o titulo dos seus capitulos: — O barão de Catanea, Bernardino Martins, a actriz Barbara, João Castellani, o padre Alcaparra, Domingos Ardisson, o Ricardo ponto, o Cabral Maneta, o deputado Julião, o Lopes do Patriota, Madame Collaço, Dois mercurios, Mestre Coelho, Maia Ferreira, O Nunes sem filho, a D. Claudia, O maestro Casimiro, Luiz Forjaz, José Martins Rua, D. Braz da Silveira, Ferreira Aragão, D. Alvaro, o Matta Castelhano, Leal de Gusmão, o actor Carreira, o Abbade de Castro, o avô dos janotas, o Rei Wamba, Jorge O'Neill, Alvares, o Epico, o Roberto Pim Pim, o Xavier dos Cartazes, o Serpa Longo, o José Maria Saloio, o Procopio (ultimo sebastianista), a Severa, o Fortinho, o Feleciano das Seges, o dr. Patroni, o José das Caixinhas, o Musica, o Careca, o José Romão.

*
* *

José da Silva Carvalho e o seu tempo é um grosso volume em 4°, de mais de 500 paginas e d'um interesse enorme para a historia politica contemporanea.

Póde-se dizer affoutamente que sob esse ponto de vista é o livro mais importante que se tem publicado em Portugal, pela maneira sincera e honrada como foi feita a compilação d'esses documentos, não se roubando á publicidade nenhum d'elles, o que dá ao livro um altissimo valor historico, uma excepcional importancia politica.

O sr. Antonio Vianna fazendo a compilação e a publicação d'estes valiosissimos documentos, presta um relevantissimo serviço ao nosso paiz, á nossa historia e são poucos todos os elogios e os encomios que por esse seu trabalho se lhe fizerem.

Muito em breve fallaremos mais d'espaço d'estes dois importantes livros.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

D. ANTONIO JOSÉ DE SOUSA BARROSO

BISPO DE HIMERIA E PRELADO DE MOÇAMBIQUE

No domingo 5 do corrente celebrou-se na Sé de Lisboa a sagração do reverendo Padre Barroso, em bispo de Himeria e novo prelado de Moçambique.

A ceremonia religiosa, das mais complicadas e ao mesmo tempo das mais tocantes que tem o nosso rhito, celebrou-se com a assistencia de Sua Eminencia o Cardeal Patriarcha, bispos de Cochim e de Meliapor, todo o pessoal de conegos e capelães cantores da Sé. Pelas 10 horas da manhã entrou o cortejo no templo, assim disposto:

Na frente os dois masseiros, seguidos do diacono de cruz alçada, os meninos de côro conduzindo as mitras episcopaes sobre almofadas, a collegiada e conegos com suas capas de asperges, o novo prelado no meio dos bispos de Cochim e de Meliapor e fechando o prestito Sua Eminencia o Cardeal Patriarcha, sob o palio ladeado pelos flabeus.

Na tribuna do lado do evangelho estáva o sr. Vigario Geral, e nas bancadas da capella mór, tomavam logar o sr. ministro da marinha, com os altos funccionarios do seu ministerio, mesa e socios da Sociedade de Geographia, alguns officiaes do exercito e da armada, srs. Barros Gomes, Martens Ferrão, varios titulares e membros da imprensa.

Um enorme concurso de povo enchia o templo e estanciava pelas emediações.

Nenhuma sagração de bispo tinha ainda despertado tanto interesse na população como esta. Tratava-se de um filho do povo, humilde e modesto que pelas suas virtudes e bem servir a patria, chegava aquella alta dignidade de principe da egreja. O povo tambem lhe fazia a sua sagração. O acto que se ia praticar era de verdadeira justiça. O bispo sagrado, era um benemerito da patria, um verdadeiro apostolo do Evangelho.

De uma biographia publicada pela *Voz do Crente*, respigamos algumas notas extremamente honrosas para o nosso virtuoso missionario da Africa e novo prelado de Moçambique.

«Nasceu o benemerito padre na freguezia de Remelhe, conselho de Barcellos, em 5 de novembro de 1854, sendo o primogenito de Antonio José de Sousa e Euphrasia Rosa, mui honrados hoje por verem o filho uma gloria da Egreja e uma honra da patria.

Em 1871, foi para Braga iniciar os estudos; mal avindo, porém, com o desleixo que então alli havia com a educação e instrucção, passou em 1873 para o Collegio das Missões, em Sernache do Bom Jardim, onde estudou os preparatorios e o curso theologico.

Ahi se entregou d'alma e coração ao estudo, tornando-se notavel entre os companheiros, pelo seu superior talento, exemplar comportamento e, sobretudo, pelos excellentes dotes do coração

Os superiores não deixaram de reconhecer-lhe tão alto merecimento, galardoando-o com os primeiros premios em todos os annos.

Ainda hoje é alvo da maior sympathia dos antigos condiscipulos e mestres.

Em 1879 cantou a primeira missa na terra natal, encarregando-se do sermão um seu distincto professor, o sr. dr. Martins, actualmente lente de theologia na Universidade.

Em 1880 partiu como missionario para Angola em companhia do sr. bispo d'aquella diocese, D. José Sebastião Netto, ao persente cardeal patriarcha de Lisboa.

Demorando-se poucos mezes em Loanda, foi mandado para o Congo, com outro companheiro, afim de fundar a missão de S. Salvador.

Em S. Salvador havia uma bem o ganisada missão protestante, que dominava o rei e ameaçava o nosso dominio politico.

Apenas alli existia uma casa de commercio; tudo o mais eram «chimbeques» de pretos.

N'estas condições e com o magro ordenado de missionario, foi que Barroso começou a sua obra gigantesca.

Teve grandes difficuldades, sendo as principaes: falta de habitação confortavel para aquelle clima, carencia de generos alimenticios, o incremento e traição da propaganda protestante e mais que tudo a reluctancia do rei.

Dentro em pouco captivou a amisade do rei, o qual ainda hoje considera Barroso como o seu maior amigo.

Conseguiu a assistencia d'elle ás praticas religiosas na egreja da missão, e quando não comparecia, Barroso tinha o cuidado e a paciencia de lhe ir a casa explicar a doutrina catholica.

E assim o arrancou ao dominio moral dos protestantes, fazendo-o verdadeiro catholico e sincero portuguez.

A propaganda protestante encontrou em Barroso um luctador terrivel, que a venceu tanto pelo saber e prudencia que a esmagavam, como pela abnegação e lealdade que a confundiam. Póde-se dizer que hoje quasi todo o Congo é catholico; os protestantes dominaram uma pequena parte á custa de presentes e industrias manhosas.

No espaço de 8 annos organisou materialmente a missão, que consta: de uma casa confortavel para missionarios, duas para habitação de alumnos, uma para escola, uma para pharmacia e curativos de doentes, uma para deposito de fazendas para pagamentos de serviços dos indigenas, uma egreja e um observatorio meteorologico.

Além d'estas, ha uma outra para alojamento das irmãs educadoras (que ainda hoje se esperam!) e adquiriu mais uma que actualmente serve de quartel militar.

Muito illustrado em sciencias naturaes, que cultiva com pronunciada aptidão, organisou elle proprio o observatorio meteorologico, sendo muito apreciadas em Portugal e no estrangeiro as suas observações, feitas com a maxima regularidade e escrupulo.

Depois de ter mandado alguns alumnos a Loanda aprender a arte typographica, conseguiu para a missão uma typographia, onde já se imprimem alguns trabalhos, merecendo especial menção um cathecismo por elle traduzido na lingua do Congo.

Iniciou o desenvolvimento agricola o que não deu resultado por falta de tendencia do indigena, continuou, não obstante, a occupar alguns rapazes da missão na agricultura, cultivando um pequeno, mas fecundo terreno, que produzia hortaliças para seu consumo.

Pelo tracto insinuante, pela prudencia sem fraqueza, resolveu varias pendencias entre commerciantes europeus do Zaire e indigenas, chegando uma occasião a restabelecer as relações interrompidas entre os referidos individuos, obstando assim a grandes prejuizos commerciaes e talvez politicos.

Não temos duvida em affirmar que o nosso dominio no Congo se deve principalmente á sympathia de Barroso no animo d'aquellas gentes. Tinha pelo preto uma dedicação especial, a todos ouvia e attendia com paternal affecto, curava os enfermos com todo o carinho e disvelo, a nenhum deixava de estender a mão.

Ganhou um tal ascendente, que tinham por elle uma veneração quasi supersticiosa, chegando a incluir o seu nome no juramento habitual que faziam.

Os relatorios que por vezes publicou nos boletins da Sociedade de Geographia, dão testemunho dos seus profundos conhecimentos sobre os costumes e caracter d'aquelles povos e sobre os meios mais efficazes para os chamar á civilisação.»

O novo prelado de Moçambique, tem hoje apenas 37 annos, mas poucos terão empregado esses annos de vida em tão bem servirem a patria e a religião de que são apostolos.

Muitas tem sido as honrarias que os poderes publicos lhe tem querido conferir por tão revelantes serviços, e todas o benemerito prelado tem resignado.

A sua palavra eloquente tem sido ouvida em Lisboa em varias solemnidades religiosas e na Sociede de Geographia nas conferencias sobre o Congo, e quer na tribuna sagrada, quer nas assembleas, tem sido esecutada com respeito e aplaudida com enthusiasmo.

Na sua humildade posto mais se engrandece pelos seus actos de verdadeira caridade christã, que pelas honrarias que o mundo lhe confere.

Assim deve ser um apostolo do Evangelho.

PROJECTO PARA A NOVA PRAÇA DE TOUROS NO CAMPO PEQUENO

PELO SR DIAS DA SILVA

A demolição da velha praça de touros do Campo de Sant'Anna, comdemnada pelo estado de ruina em que se achava, veio privar Lisboa do seu devertimento mais predilecto, e ao mesmo tempo mais nacional.

Alguns viram n'aquella demolição o termo de um devertimento que taxam de pouco civilisador, sem se importarem saber que as touradas são um devertimento original dos povos d'aquem os Pyrineos, tão velho como estes povos, e entre nós quasi o unico caracteristico que resta da nossa nacionalidade depauperada e despojada dos seus costumes tradiccionaes, pela introducção de outros estrangeiros, com que o paiz vae perdendo dia a dia o seu caracter e individualidade.

E' assim que se perde a independencia, porque assim se vae perdendo o amor a tudo que é da nossa terra, cahindo por fim na indefferença emque se afundam as nacionalidades.

Um resto porem de amor ás cousas patrias fez ainda d'esta vez reviver as touradas, e ao passo que Lisboa não tinha uma arena para a lide dos touros, este devertimento desenvolvia-se por outras terras de Portugal, e como se não bastasse esta reacção, os portuguezes tiveram a rara satisfação de verem levantar-se circos tauromachicos em Paris e de os seus artistas ali irem lidar os touros com grande enthusiasmo do povo parisiense.

Feita esta conquista as touradas ganharam fóros de civilisação, porque depois de na primeira capital do mundo correrem-se touros, já ninguem usará taxar de barbaro este devertimento, muito principalmente no nosso paiz, onde só se considera bom o que é estrangeiro desdenhando-se de tudo que seja nacional.

Pois bem, Lisboa irá ter em breve uma nova praça de touros, digna de uma capital civilisada, e que não terá inveja as mais afamadas praças d'esta lide na nossa visinha Hespanha.

A gravura que publicamos a pag.as 156 reproduz o projecto para a nova praça de touros que se vae construir no Campo Pequeno, projecto elaborado pelo digno architecto da Camara Municipal de Lisboa, sr. Antonio José Dias da Silva.

N'este projecto attendeu-se não só á commodidade do publico, pela variedade de lugares que lhes proporciona, á segurança dos artistas, a uma nova forma na disposição dos touris, que praticamente dará excellentes resultados; mas tambem a que o edificio interna e externamente seja elegante e monumental como se vê no mesmo projecto.

O grandioso edificio abrange um circulo de 80.m de diametro, tendo de altura 18m com quatro torreões nos eixos longitudinal e transversal.

O torreão, que constitue a fachada principal do edificio, fica do lado do poente, e olha parallelamente para a projectada avenida das Picôas ao Campo Grande. Nos seus eixos principaes, seguem tres pequenos torreões destinados, no pavimento terreo a diversas acommodações, *encierro* bilheteiras, e no superior as salas, para os espectadores dos camarotes, buffetes, etc.

Por uma entrada particular, dá ingresso para a magnifica tribuna real e camarotes para ajudantes sendo a tribuna precedida d'um salão, com 48 metros quadrados, *toilettes*, etc.; e communicando com a cupula (mais elevada) que attinge a 30 metros de altura do solo, sobre a qual ha um mirante, que offerecerá um magnifico panorama da cidade e Tejo.

Ainda, pelo mesmo torreão, é a entrada para os logares superiores da praça e compartimento destinado á arrecadação, durante o espectaculo das carruagens que transportarem a familia real.

Um outro torreão, medindo como os dois restantes, 15 metros por cada uma das faces, é destinado ao *encierro*, em torno do qual, e superiormente na altura dos camarotes e *gradas*, ha galerias para o publico vêr os touros, antes de recolhidos ao touril para serem embolados.

Ficam contiguos ao *encierro*, o dormitorio para os campinos, com frestas que lhes permittem vigiar os touros, e a cavallariça para os seus cavallos, com 160 metros quadrados.

Os dois restantes torreões são destinados a bilheteiras, retretes, restaurants e salões para o publico, dependencias da empreza, escriptorio, etc; escadas para os logares do segundo pavimento, e para o vasto corredor geral que por oito coxias, medindo ao todo 17 metros de largura, dá accesso para as bancadas de sombra e sol; entradas para os artistas e cavallos de toureio, etc., etc.

O projecto exterior geral do edificio é architectado em esylo arabe; escolha acertadissima, e justificada, por ser o estylo adaptado á epoca, a que remontam as corridas de touros; motivo pelo qual foi tambem preferida esta forma architectonica na grandiosa praça de Madrid, que é mais vasta, porém menos monumental, que a projectada no Campo Pequeno, tendo esta uma distribuição original.

As dimensões da arena foram marcadas, segundo a opinião dos nossos principaes artistas tauromachicos.

Contam-se na praça, alem da tribuna real e camarotes para os ajudantes, medindo na sua totalidade 4.56, mais vinte camarotes grandes com 1,80 de frente, e quarenta e seis pequenos com um 1,20, sendo os grandes, divisiveis.

Por baixo da tribuna real está o camarote para a auctoridade, medindo 2.50 de frente.

No plano inferior e parallelamente ás bancadas de sombra, tres camarotes destinados ao director da corrida, lavrador e abegão, e um com doze logares para a imprensa, no extremo da entrada principal ou barreira.

Sobre o touril ha uma centena de cadeiras, dispostas em amphitheatro.

Por baixo da ordem de camarotes uma galeria com numerosos logares, e á frente duas filas de *fauteuils*.

As bancadas de sol e sombra são quatorze, divididas em talhões sendo a primeira e segunda com logares numerados, correspondendo á barreira e contra barreira das praças hespanholas, e isoladas pelo patim geral, que dá accesso aos diversos talhões das bancadas.

Ao longo das bancadas de sol e sombra haverá quatorze passadeiras para facilitar a passagem aos espectadores.

A enfermaria é magnifica e mede 60 metros quadrados, tendo para caso de gravidade immediata sahida para fora da praça.

Os cavalleiros teem contiguos aos seus camarins, pateos cobertos, com quarenta e cinco metros quadrados cada um, onde abrigarão os seus cavallos de combate

Para guarda dos cavallos de quaesquer espectadores ha uma espaçosa cavallariça.

São ao todo dez os salões e buffetes, que ha nos diversos pavimentos da praça, e em relação a cada classe de logares.

Conforme o projecto, as bancadas serão sobre abobadilhas de alvenaria.

Além das dependencias, que deixamos indicadas, contam-se muitas outras que são o complemento da grandiosa e monumental praça.

Ascende a quatrocentos e vinte o numero total de vãos de portas e janellas exteriores da praça.

A lotação da praça é de 11:100 logares.

Não descreveremos outras minudencias que se podem apreciar no projecto, porque alongaria demasiadamente este artigo, mas pelo que fica dito bem se póde avaliar da grandeza da obra que se vae fazer cujo projecto mereceu a approvação de todas as instancias superiores por que passou tanto na repartição d'obras publicas, em que teve parecer favoravel do sr. Raphael de Castro, Valentim Correa e Parente, dignos architectos d'aquella repartição, como tambem do sr. Couceiro director geral e da Junta Consultiva.

A repartição technica da Camara Municipal tambem approvou o projecto do sr. Dias da Silva, e para que fosse executado no Campo Pequeno, no terreno cedido pela mesma Camara á Real Casa Pia de Lisboa.

MONUMENTO DE D. PEDRO I

NA PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO NO RIO DE JANEIRO

A Praça da Constituição é uma das mais formosas da cidade do Rio de Janeiro, hoje capital da grande Republica dos Estados Unidos do Brazil.

Está como que no centro da cidade, e a ella confluem as principaes ruas, a do *Ouvidor*, a *7 de Setembro*, da *Carioca*, etc.

Varios edificios importantes ladeam a Praça da Constituçião, como o do Theatro de S. Pedro, o do Collegio de S. Francisco de Paula, o do Hotel dos Principes e outros.

Ao centro da praça ergue-se o monumento do fundador da nacionalidade brazileira, D. Pedro I do Brazil e IV de Portugal.

Este monumento erigido por subscripção publica aberta pela camara municipal do Rio de Janeiro, foi inaugurado em 30 de março de 1862.

Foi seu auctor o esculptor francez Mr. Luiz Rochet que obteve a primeira classificação no concurso que houve, para se construir este monumento, o qual é todo de bronze á excepção do socco sobre que assenta, que é de pedra.

Sobre o socco de cantaria levanta-se um plinto rectangular de quatro faces tendo na frente de cada uma, descançando sobre os degraus, quatro grupos allegoricos representando os maiores rios do Brazil symbolisados nos indigenas que habitam as suas margens. Estes grupos, assim como todo o plinto são de bronze, e de notavel esculptura. Sobre o pedestal ergue-se a estatua equestre de D. Pedro na acção de proclamar a independencia do Brazil. É tambem de bronze a estatua e de bella esculptura.

O monumento eleva se 15m.70 acima do solo, e o bronze n'elle empregado peza 55:000 kilogrammas. Custou toda a obra cerca de 400:000$000 réis fracos.

Na face da frente do monumento lê-se a seguinte inscripção:

A
DOM PEDRO
PRIMEIRO
GRATIDÃO
DOS BRAZILEIROS

O monumento é fechado por uma grade, e um formoso jardim, completa a decoração da praça.

CESAR POLLA

Foi no dia 19 de junho que elle morreu.

N'esse dia precisamente tinhamos estado a fallar ácerca d'elle, ao jantar, em casa d'uma actriz muito distincta que foi durante annos sua companheira de theatro.

Havia muito tempo que não viamos o Polla.

A ultima vez fôra ha cerca de tres mezes, de dia, no Chiado, e tinhamol-o achado muito magro, muito abatido, muito differente do que era, excepto na sua veia cavaqueadora, que era ainda a mesma, infatigavel, inexgotavel, sempre prompta para a anedocta, para a discussão, para o castello no ar...

Depois nunca mais o tinhamos visto nem d'elle sabido, e por isso, ao jantar, em casa d'uma sua collega, com artistas e homens de lettras, perguntámos noticias d'elle, o que era feito do Polla.

Foram más as informações que nos deram: que estava muito em baixo, que a ultima pneumonia o tinha deixado arrasado de todo, que andava por arames...

Depois de jantar sahimos, e á porta do theatro da Rua dos Condes encontrámos o José Torres, o antigo emprezario que mata a sua paixão pelos theatros andando sempre n'elles.

E a primeira coisa que elle nos disse, sem mais nem mais, como que respondendo á pergunta que horas antes nós tinhamos feito a outras pessoas, foi:

— Então morreu o Polla!

Ficámos assombrados.

— O que? O Polla morreu?

— Ha pedaço, disse-m'o agora mesmo o Julio Vieira que ia procurar o filho do Polla para lhe dar a noticia.

— Onde morava o Polla?

O José Torres não sabia.

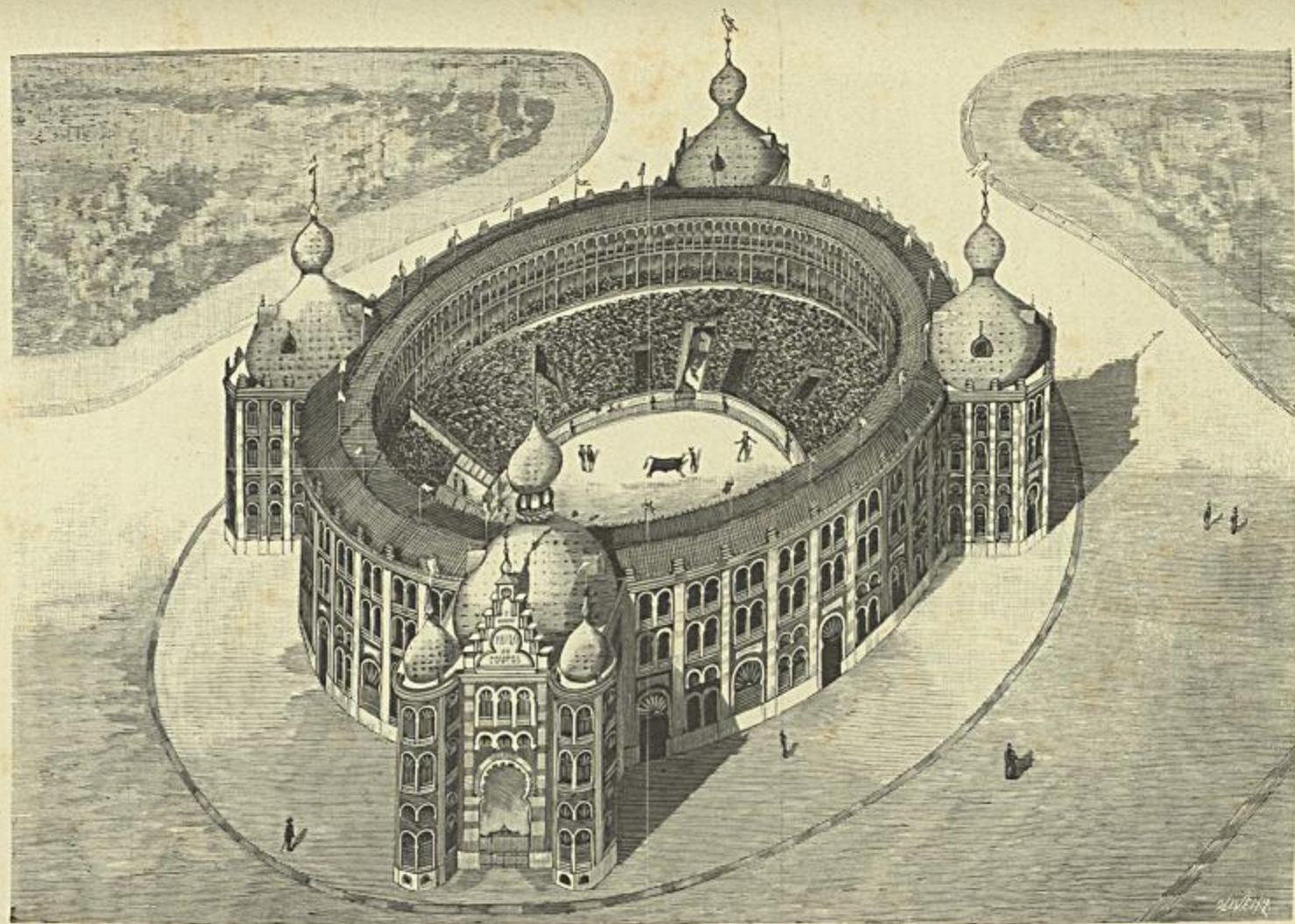
Fomos ter com o Leopoldo de Carvalho, um intimo amigo e um velho companheiro de Polla, e que actualmente é ensaiador no theatro da Rua dos Condes, para sabermos a morada.

Leopoldo ficou como que fulminado pela noticia.

— Vou comtigo, disse-nos elle pegando no chapeu.

Sahimos, mettemo-nos no elevador do Lavra, atravessámos o Campo de Sant'Anna e d'ali a nada entravamos n'um primeiro andar na rua de S. Lazaro e Maria das Dores, banhada em pranto, completamente anniquilada pela dôr, cahia soluçando nos braços de Leopoldo...

Atraz d'ella, a Mathildesinha, a filha e o idolo de Polla, desfazia-se em lagrimas...

A noticia era verdadeira, infelizmente, como o são sempre todas as más noticias!

PROJECTO DA NOVA PRAÇA DE TOUROS, NO CAMPO PEQUENO, EM LISBOA, PELO SR. DIAS DA SILVA

(Segundo uma photographia)

Polla estava morto...

Os arames em que elle andava tinham-se finalmente quebrado.

*
* *

Como fôra a morte?

Tranquilla, serena, inconsciente, como a morte d'um passaro...

Ha quatro dias o estado já muito melindroso em que a sua saude ficára depois da pneumonia, de que o dr. Korth conseguira salval-o, aggravára-se com uma congestão pulmonar.

O Korth, que era o medico do Polla. e mais do que medico, um amigo dedicado, como o illustre medico o é para todos os seus doentes, foi chamado a toda a pressa.

Não estava em Lisboa, porem, estava no Porto, e lá adoecera...

Em seu logar foi outro medico tambem distincto, tambem muito disvellado pelos seus doentes, mas o caso era mortal.

D'uma congestão n'aquellas alturas só se escapa por um milagre.

E o milagre não se fez...

No dia 19 o Polla sentiu-se mais alliviado, conversou um bocado bem, fasendo os seus planos de futuro, os seus eternos castellos no ar...

Depois começou a arrefecer muito dos pés; as mãos a esfrearem-lhe.

—Vou ver se durmo, disse elle, aconchegando a roupa, arranjando com a cabeça a almofada a seu commodo e voltou se para o lado...

Fechou os olhos, e adormeceu.

Adormeceu... e nunca mais acordou.

D'ali a nada estava morto.

*
* *

Cesar Polla não era velho: tinha 60 annos.

Natural do Algarve, pertencente a uma familia ali muito conhecida e estimada, Polla fez os seus estudos e exerceu varios cargos officiaes, e foi por vezes administrador do conselho e secretario do governo civil.

Mas tinha uma grande paixão pelo theatro, e alem da paixão, uma grande habilidade provada brilhantemente n'uma immensidade de recitas theatraes em que entrára.

Um bello dia veio para Lisboa para ser actor.

O theatro de D. Maria escripturou-o e elle fez ali o seu debute nos *Diffamadores*, de Ernesto Biester.

Não deu muito nas vistas n'esse papel, mas d'ali a dias desforrou-se dando que fallar de si no papel de Bevallan, da *Vida d'um rapaz pobre*, sabendo, debutante, talhar para si um successosinho ao lado dos grandes successos de Santos, no Maximo Odiot, de Manuela Rey na Margarida Laroque, de Tasso no sr. Laroque.

Continuou a trabalhar animado por esse successo, e d'ali a poucos annos conquistava logar entre os nossos primeiros actores pela creação primorosa d'um dos personagens mais bem feitos de todo o reportorio de Sardou, pelo magistral desempenho que deu ao Pomerol da *Fernanda*.

O nome de Polla tornou-se então logo notavel no nosso theatro e a creação do Pomerol tomou o seu logar nos annaes theatraes da nossa terra entre as creações celebres.

Não parou ahi o Polla, porém, continuou a trabalhar, a trabalhar muito e bem, e na sua carreira artistica encontrou mais vezes os applausos unanimes e enthusiasticos que encontrára no Pomerol.

Em D. Maria, por exemplo, teve o papel de Mirabeau, na *Maria Antonietta*, que elle fez muito distinctamente, e no Gymnasio onde foi uns annos escripturado e outros societario da empreza, teve creações excellentes como no *Afilhado de Pompignac*, no *Filho de Giboyer*, nos *Lazaristas*, nos *Mosqueteiros do Rei*, na *Filha unica*, na *Calumnia*, etc.

Reformado como actor de 2.ª classe, Polla começou a representar menos: do Gymnasio passou ao Principe Real, e ahi ainda appareceu em algumas peças conquistando ruidosos applausos, como por exemplo, na *Maria Antonietta* fazendo o papel de Luiz XVI, mas em breve a doença, a bronchite, tinha-lhe deteriorado a voz e impedido de representar papeis grandes e mesmo papeis pequenos, muitas noites a fio.

Polla esteve por varias vezes no Brazil, onde teve grande successo, e ha annos, fez com uma *troupe* dramatica uma digressão á sua terra, ao Algarve, digressão que foi um verdadeiro passeio triumphal, taes foram as festas e os obsequios que os seus patricios lhe fizeram.

Muito intelligente, muito artista, Polla era um *diseur* de primeira ordem e sabia tirar grandes effeitos de inflexão, que maravilhavam o publico.

O papel de Pomerol feito por elle era verdadeiramente uma obra prima, e agora mesmo nos estão a echoar ainda na memoria phrases que n'essa peça elle dizia magistralmente, inexcedivelmente.

Polla era casado em segunda nupcias com a distincta actriz Maria das Dores, de quem deixa uma filha intelligentissima que era o seu enlevo, e que chora agora por elle lagrimas de sangue..

Uma das ultimas vezes que Polla sahiu, senão a ultima, foi para ir ao Conservatorio assistir ao exame da sua Mathilde.

O Conservatorio era longe, elle podia andar pouco, e sahiu de casa sem tenções de ir até lá.

Mas o exame de sua filha começou a preoccupal-o tanto, que elle não poude ser senhor de si, metteu pernas a caminho e d'ali a nada entrava cançado, esfalfado no Conservatorio para ver o exame.

E fez bem em ir, pobre pae, porque teve ainda uma das grandes alegrias da sua vida, ver a sua querida Mathilde fazer um bello exame, e sahir approvada...

*
* *

A Arte portugueza perdeu em Polla um do seus mais illustres cultores, mas mais do que a arte perderam Maria das Dores e a pequena Mathilde, aquella um companheiro extremoso e dedicado, esta um pae amantissimo até a idolatria.

Á inconsolavel viuva e á desolada filha os nossos sentimentos, ao chorado Polla a nossa eterna saudade.

Gervasio Lobato.

BRAZIL — MONUMENTO A D. PEDRO I NA PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO NO RIO DE JANEIRO

(Segundo photographia)

LATINO COELHO

O sr. José Maria Latino Coelho, do conselho de sua magestade, ministro e secretario de estado honorario, antigo par do reino electivo e deputado a côrtes em varias legislaturas, general de engenheiros, professor da Escola Polytechnica, secretario da Academia Real das Sciencias, orador e jornalista, é sem contestação uma das individualidades mais eminentes do nosso mundo scientifico, litterario e politico.

Não espera, de certo, o leitor que eu venha agora dar-lhe alguma novidade, quer sobre a honrada vida do sr. Latino Coelho, quer no tocante á apreciação dos seus merecimentos, que são incontestaveis e superiores. Pois tanto uma cousa como outra são bem conhecidas de todos, e de ambas

se fez em grande parte registo, ha longos annos, se contarmos desde 1855, em que se publicaram algumas notas biographicas do sr. Latino Coelho na *Revista peninsular*, até 1881, data do apparecimento das *Horas de repouso*, em que o sr. Silveira da Mota traçou, com o seu costumado esmero e imparcialidade, um juizo critico dos trabalhos litterarios do sr. Latino Coelho.

Vem a pêlo citar algumas palavras suas:

Um dos mais insignes pela elevação do talento, pela opulencia do saber, pela elegancia da locução, pela flexibilidade com que se presta a indefinita variedade de assumptos é o sr. Latino Coelho. A' sua extraordinaria organisação intellectual se devem trabalhos importantes sobre diversas e impervias regiões da arte e da sciencia.»

Já antes d'isso o espirituoso e fluentissimo escriptor A. A. Teixeira de Vasconcellos tinha aquilatado á justa, na *Revista Contemporanea* de 1860, os raros predicados de tão penetrante e lucido engenho.

Eis como elle se exprime:

«A aptidão encyclopedica do sr. Latino Coelho é incontestavel. Não sabemos de talento mais fecundo, mais facil em produzir, mais rico na variedade dos fructos, mais elegante na forma, e mais flexivel e proprio para todos os generos a que o desejem applicar. — A nação portugueza tem na aptidão universal do sr. Latino Coelho um monumento de gloria de que pode desvanecer-se, e por certo mui pouco vulgar, tanto entre nós, como nos reinos estrangeiros.»

Entretanto, como tambem affirmou Teixeira de Vasconcellos, não é muito facil a tarefa de compor a seu respeito uma noticia biographica para cumprir o que está pedindo a qualidade do sujeito e a significativa consideração que sempre lhe votou o paiz inteiro.

* * *

O sr. José Maria Latino Coelho nasceu em Lisboa a 29 de novembro de 1825. Foram seus paes o sr. João Alberto Coelho, capitão de artilheria e professor de mathematica, e a ex.ma sr.a D. Maria Henriqueta Latino Martins de Faria Coelho, que ambos cuidaram escrupulosamente da sua educação.

Concluidos os estudos preparatorios com muita brevidade e notavel aproveitamento, o sr. Latino Coelho começou na edade de treze annos o curso da Escola Polytechnica, em que obteve o primeiro premio em nove aulas, sendo onze as disciplinas differentes que estavam distribuidas por quatro annos.

Da Escola Polytechnica passou para a do Exercito, ao qual já pertencia desde o seu assentamento de praça no regimento de infanteria 16.

Nomeado alferes alumno, e pouco tempo depois effectivo, foi provido na substituição da cadeira de mineralogia e de geologia da Escola Polytechnica, apoz um brilhantissimo concurso, é promovido a tenente de engenheiros em 1851.

Dois annos antes tinha elle começado a sua carreira de escriptor publico na *Revolução de Setembro* e no *Farol*, se bem que na *Epoca* houvessem já apparecido anteriormente algumas poesias suas. Em 1851 escrevia tambem na *Revista Popular*, na *Semana* e no *Panorama*. Em 1852 publicou-se uma memoria de D. Senibaldo de Más, antigo embaixador de Hespanha no imperio da China, em favor da união pacifica de Hespanha e Portugal, e o prologo da traducção portugueza d'essa obra era assignado pelo sr. Latino Coelho. Fascinou então alguns espiritos elevados o pensamento de formar uma grande nação dos dois reinos da peninsula; mas foi passageira essa sezão. Entretanto, assim como houve *sebastianistas* durante seculos, ainda hoje existem alguns *ibericos*, que apregoam como elixir de salvação publica a franca convivencia e o auxilio mutuo em toda a ordem ou qualidade de relações entre as duas nacionalidades, de sorte que se apertem cada vez mais entre ambas os laços de uma sincera e fraternal amizade. Obtido este resultado, não seria grande temeridade futurar uma alliança offensiva, e defensiva, principalmente depois de ter sido quebrada pelo *ultimatum* de 11 de janeiro de 1890 a antiga alliança com a Inglaterra. E, depois, a affinidade da raça e a homogeneidade de crenças, usos e costumes dos dos povos, e ainda outros immortaes principios de uso commum dos grandes falladores peninsulares fariam naturalmente o resto!

Em 1853 sahiu a lume o *Portugal Artistico*, excellente publicação illustrada *in-folio*, em que a maioria dos artigos, escriptos em portuguez e francez, é do sr. Latino Coelho. E d'então para cá, desde o *Farol* de 1840 até o *Seculo*, em que é sempre da sua penna elegantissima o artigo principal da folha do domingo, quasi que não tem conta os jornaes politicos, scientificos e litterarios, que elle tem abrilhantado com as galas do seu estylo imaginoso, opulento e vernaculo.

Aquelle tempo marca egualmente a sua iniciação na vida politica no partido da regeneração. Acabava então uma era de intolerancia, de perseguição, de sedições militares, de enredos tortuosos urdidos nas trevas, de cabalas palacianas e de alterações populares em que a liberdade, ainda na infancia, tropeçava a cada passo. E abriu-se outra era de paz, de tolerancia, de fomento, de impulso decidido e energico aos melhoramentos moraes e materiaes, predizendo largos dias de ventura, e promettendo a Portugal os fructos optimos da vida prospera das nações. A espada do marechal Saldanha garantia a tranquillidade publica, e a alta razão de Rodrigo da Fonseca Magalhães a sabia direcção dos negocios. Seguio esta causa o sr. Latino Coelho.

Infelizmente, todos sabemos no que veiu a dar a regeneração depois do ultimo gabinete presidido pelo velho liberal Joaquim Antonio d'Aguiar. A tolerancia converteu-se em dedicação profunda, e até na mais abjecta subserviencia aos inimigos, tanto mais dignos de attenção e das graças do poder, quanto eram menos elevados os seus intentos e mais ruins os seus propositos. Os amigos eram quasi vistos com desprezo, que até chegava a ser aviltante, porque pretendia envolver-se no disfarce da bemquerença, na hypocrisia da amizade.

Muitos d'elles desertaram, porque tão repugnante immoralidade não podia manter adhesões sinceras, mas unicamente prender interesses acobertados com a legalidade, senão com a sua sombra. A lista dos grandemente favorecidos era tal, assim no exercito, como fóra d'elle, que de subito se ouviu soar por todo o paiz um grito de reprovação geral, que dizia: Corrupção! Esbanjamento!

Pedia-se então, como agora, moralidade na administração e economia na applicação dos dinheiros publicos. Todos clamavam, tambem como agora, vida nova! E logo se formou um partido, que teve o nome de reformista, e significava pura e simplesmente a negação do falso systema de governar por meio do abuso excessivo do recurso ao credito, da corrupção em grande e pequena escala, e do vão apparato da força — vão lhe chamo eu, porque em verdade servia apenas para encobrir a fraqueza. Muito na boas horas entrou n'aquelle partido o sr. Latino Coelho, a quem foi confiada a pasta da marinha e ultramar, que geriu com a limpeza propria das suas mãos, e na qual prestou ao paiz mui distinctos serviços, entre os quaes bastará mencionar o da expedição á Zambezia.

(Conclue). *Alberto Telles.*

O TRATADO COM A BELGICA

No nosso anterior artigo, (OCCIDENTE n.º 449) porque ainda não havia chegado a Portugal o texto do tratado com a Belgica, diziamos:

«No entretanto já podemos affirmar: a Muatiânvua pertence-nos mas a *mussuma* onde está o imperador, o grande potentado que tanto privou com o major Henrique de Carvalho, essa fica vassala da Belgica!...»

«Que ideia fará de *mueneputo* (o rei de Portugal) o Muata Yanvo quando souber que o démos de presente á Belgica?»

E era este grande potentado o que ainda não ha muito tempo recusava receber estrangeiros sem nossa auctorisação!

Pelo tratado de 25 de maio d'este anno ficamos perdendo todo o trabalho, despezas e sacrificios, feitos com a expedição ao Muatiânvua de 1884-1888 commandada pelo benemerito africanista o sr. major Henrique de Carvalho.

Esta é que é a verdade.

O sr. conselheiro Barbosa du Bocage quando fez o famoso mappa *côr de roza* deu de mão beijada, a quem os quizesse tomar, todos os terrenos que existem desde a intersecção do parallelo Noqui com o rio Cuango até proximamente as nascentes do Cassai, um pouco ao sul do parallelo 12º.

Ora como seu filho, o sr. Carlos du Bocage conseguio que os belgas não quizessem mais do que metade do imperio do Muatiânvua, — é claro que o tratado com o Estado Livre do Congo foi uma victoria para a nossa diplomacia que tem sempre andado em *victorias*... *á Daumont*.

Não foram nomeados para negociarem o tratado com a Belgica homens que pouco ou nada soubessem das nossas cousas d'Africa, como os srs. Neves Ferreira, Queriol, Ferreira do Amaral, Martins Correia ou Henrique de Carvalho...

Quem conhece semilhantes nomes? São elles por ventura politicos? Que serviços prestaram ao sr. Marianno de Carvalho, ao sr. Luciano de Castro ou ao sr. Serpa?

Estes distinctos homens de estado nem os conhecem!

Verdadeiros africanistas como era de jus, foram designados pelos altos poderes do Estado para tratarem o negocio em Bruxellas, que é uma cidade muito bonita e muito saudavel. E então vieram nomes verdadeiramente notaveis no paiz, os srs. conde de Macedo, Carlos du Bocage, etc.

E fizeram obra que se visse; está ella entrando-nos pelos olhos como finos estyletes que nos varam o cerebro.

O sr. Henrique de Carvalho, ainda aqui em Lisboa, em Bruxellas não, foi consultado, (a nosso vêr sem razão, visto que se não haviam lembrado dos srs. Ferreira do Amaral ex-governador de Angola, nem do sr. Neves Ferreira ex-governador do Congo), sobre a partilha que era indispensavel fazer-se entre Portugal e o Estado Independente do Congo; como o limite dos estados de Muatiânvua entre o Cassai e o meridiano 24º e ao norte proximamente do parallelo 8º, e o Estado Independente, não encontrava contendores a chegar até ahi, o sr. major Henrique de Carvalho não hesitou em demonstrar a conveniencia para Portugal de não sustentar uma questão sobre a posse dos territorios para sul, embora em outros tempos constituissem esses territorios os principaes dominios do Muatiânvua, ou antes, onde elle realmente fazia exercer o seu absolutismo.

Parece impossivel como um official superior do nosso exercito um dos exploradores da Africa mais intelligente e mais audaz, que não teve merecimentos para fazer parte da commissão negociadora de Bruxellas, fosse consultado por um governo composto de politicos (eleições, conselheiros, administradores de concelho, etc.)!...

De uma carta do sr. major Henrique de Carvalho publicada em um dos mais lidos diarios de Lisboa datada de 28 de maio do corrente, lê-se o seguinte:

«Com respeito ao norte entre o Cuango e o Cassai, do modo porque a nossa boa fé e lealdade tinham sido illudidas, e não sendo possivel em boa razão, desalojarmos quem, encontrando os caminhos francos por nossa incuria, se apossou de regiões sem que os seus indigenas com isso se importassem, na minha consulta procurei salvar onde havia trabalhos de portuguezes e consegui-o se fazer restringir as pretensões do Estado Independente delimitado comnosco nos limites meridionaes dos estados de Mueneputo Cassongo, Muata-Cambana e de Mai-Munene.»

Ora os respeitaveis homens de estado que felizmente nos governam sabiam (por que para isto basta saber lêr) que Henrique de Carvalho publicara uma correspondencia trocada entre elle e o rei do Congo sobre a garantia de um bom caminho para o commercio do norte de Angola, ao Cuangula por Mueneputo Cassongo;

— que o mesmo arrojado africanista provara com documentos a alta influencia do nome portuguez em todas as questões entre Quiocos e povos da Muatiânvua, alta influencia comprovada pelo que se passou com o proprio major Carvalho;

— que o grande potentado pedira instantemente, não só elle Muatianvo mas todos os grandes da côrte, que fosse Henrique de Carvalho nomeado governador, em nome do rei de Portugal, dos Estados da Muatiânvua; e para isto queria o Muatianvo mandar emissarios ao governo portuguez;

— que os potentados de Mataba e Caromanho (Quiôco) mandaram acompanhar a expedição Carvalho a Malange por grandes do reino;

— que, finalmente, o major Carvalho fizera uma proposta ao governo afim de elle occupar immediatamente, em 18 de abril de 1890, os territorios de Muene Puto — Cassongo.

Nada se fez, não se attendeu a razão alguma.

A sabedoria, os talentos, as altas aptidões administrativas, estavam de todo em profundo estudo sobre a questão ingleza; e com razão, o honroso tratado de 28 de maio ultimo largamente assim o provou.

Agora vamos ver a seriedade das conferencias e das consultas. O unico africanista, de reputação e auctoridade, consultado, dá o voto que acima indicâmos. E o que fazem os nossos representantes em Bruxellas, a capital de um paiz que tem por chefe de estado um homem que é *soberano* do estado *livre* ou *independente* do Congo?

— Dão de mão beijada as reigões de Muene

Puto — Cassongo, de Muata Cambana, e de Mai-Muene, — isto pelo norte.

— Para leste, dá o governo portuguez, tambem de mão beijada, todo o resto da Muatiânvua até á região dos lagos.

Emfim, os belgas, subditos de uma nação trez vezes inferior em terreno a Portugal, levam-nos, na nossa Africa, uma area duas vezes superior ao que a Inglaterra nos arrebatou a oeste da provincia de Moçambique !!!

E a Belgica não tem as esquadras de couraçados com que os nossos governantes atemorisam o indigena.

Ai de mim! no tratado de 25 de maio ultimo nem sequer ha a desculpa dos canhões inglezes...

Ouçamos, para terminar este artigo com um *primeur* oratorio de primeira ordem, o que entende d'este bello tratado o sr. Ferreira do Amaral, um dos mais briosos officiaes da Armada, e um dos nossos notaveis governadores do ultramar.

Na sessão em que no parlamento se discutiu este infeliz tratado, o mais notavel governador de Angola, depois de Pedro Alexandrino, disse :

— que a bandeira do Estado Independente do Congo, que reconhecemos não era a da civilisação, mas aquella que havia de implantar-se n'um solo onde se enterravam os pretos que o Estado do Congo mandava enforcar e trucidar !

— que essa bandeira não era de paz e sim de guerra !

— que, se a essa nacionalidade que surgiu como por encanto das phantasias mais ou menos extraordinarias da diplomacia europêa, não faltava nenhuma das condicções da vida nova, tinha elixir para governar sem impostos e tinha um syndicato de caminhos de ferro para ajudar a bem morrer.

— que a QUESTÃO DE LUNDA SACRIFICA de uma maneira FATAL o commercio de Angola !

Não precisamos de mais. E' exactamente o que o desconhecido signatario d'estas linhas affirmou quando se referio ás publicações do sr major Henrique de Carvalho e quando tratou do convenio inglez.

(Continua) *Manuel Barradas.*

A HERANÇA DO BASTARDO

Romance original

X

OS FRANCEZES EM BEJA

Estavamos então no mez de junho de 1808.

Portugal que assistira impassivel á invasão franceza, e vira quasi indifferentemente sair a esquadra que conduziu ao Rio de Janeiro a familia Real, começava a accentuar o seu descontentamento pelos actos barbaros que via praticar todos os dias á gente de Napoleão, e como que a sentir-se envergonhado de que a França o estivesse fazendo expiar os erros d'uma pessima administração politica, e as prodigalidades fatuas e caprichosas do anterior reinado.

E tambem que manifestação poderia ter feito o paiz no acto da invasão, se o governo portuguez com o ultimo adeus da despedida, recommendava a todos os portuguezes, que tratassem como amigos os soldados commandados pelo aventureiro Junot, ordenando ao general Martinho de Sousa e Albuquerque e ao brigadeiro Stokler, que o fossem esperar ao caminho e cumprimentar, ao mesmo tempo que se lhe apromptava o palacio da Bemposta, adornado com as decorações de Queluz, para n'elle fazer assistencia ?

Foi necessario, pois, que o tempo e os actos abusivos dos intrusos fossem aguilhoando o orgulho de uns e o patriotismo de outros, para as manifestações contra a oppressão começarem a passar das palavras aos actos, ligando em todo o paiz uma forte conspiração.

A Hespanha que fôra victima das ambições de Godoy e da fraqueza de Henrique IV, levantara já o grito da independencia soltado pelos valencianos, em todas as provincias do norte e sul, e o brio de sacudir o jugo estranho e depôr um Bonaparte, que subrepticitamente se lhe sentára no throno, fôra secundado em todos os pontos de Hespanha.

Portugal viu o exemplo da nação visinha, e, clandestinamente, crearam-se em todo o reino juntas provisorias a fim de se pôr em acção os elementos de vitalidade nacional, que restavam, para levar a cabo a segunda restauração.

Entre as cidades, villas e logares, que tiveram o arrojo de emprehender a revolução, figuram Villa Viçosa, Leiria, Caldas da Rainha, Alpedrinha, Nazareth, Evora, etc, porém todas ellas pagaram horrivelmente o seu patriotismo n'uma epopeia de sangue.

As bayonetas francezas rompendo a fraca defeza que lhes offerecia os seus naturaes, derramaram o luto e a consternação em todas ellas; e, ao furor sanguinario dos conquistadores não escaparam os velhos, os entrevados e as creanças, sendo sempre o incendio e o saque o epilogo das suas cruezas.

Beja teve tambem um logar immortal n'esta tragedia.

Os francezes que então vinham fugidos do Algarve, sob o commando do official Berthier, haviam-se reunido em Mertola, a 21 de junho; d'ali destacaram-se 200 homens que entraram em Beja no dia 23, pedindo quarteis e viveres, porém os habitantes não só lh'os recusaram, como obrigaram os francezes a sair da cidade no dia seguinte, indo estes immediatamente communicar o succedido ao seu commandante.

A saída dos francezes excitou mais o povo, que pediu armas, não só para se defender como para atacar o inimigo ; e o corregedor, depois de recusal-as, foi compellido a distribuir as que estavam sob sua guarda, vendo se obrigado a fugir para Hespanha com a pretensão de que ia pedir soccorro.

O provedor Francisco Pessanha de Mendonça e o juiz de fóra Camisão, os quaes para evitar desgraças tinham resolvido ir parlamentar com os francezes, e persuadil-os a entrarem na cidade amigavelmente promettendo-lhes que nada lhes faltaria, são barbaramente mortos, caindo logo o provedor com uma estocada, e o juiz de fóra trespassado tambem como elle pelo ferro do assassino, tendo a duplicada desgraça de sobreviver por alguns momentos para soffrer os maiores insultos ao povo de Beja, que o acoimava de traidor á patria.

O povo correu depois ás velhas e demolidas muralhas da cidade conservando-se em armas toda a noite.

Julgou se, de manhã, que os francezes se tivessem retirado, porém, pelas 4 horas da tarde tiveram todos a fatal desillusão vendo que as forças de Berthier vinham sobre Beja.

Foram mais de 900 homens que atacaram a cidade, mas esta defendeu-se volorosamente, repellindo com vigor o primeiro assalto.

O povo, porém, não tinha ordem, nem chefe, nem plano de defeza.

Dominado só pelo espirito de vingança, diz Soriano na sua historia da *Guerra Civil*, julgou vencer, tomando o barbaro expediente de assassinar todos quantos suspeitava serem do partido francez ; e como no dia 26 lhe faltassem as munições recorreu á fuga e ao desamparo das suas posições, procurando sómente salvar a vida.

Os vencedores, entrando em Beja, praticaram todas as atrocidades que a historia attribue aos barbaros, quando invadiram a Italia.

O saque, a morte a todo quantos encontravam nas ruas, o incendio das casas e o abuso do sexo feminino, tudo absolutamente caíu sobre aquella infeliz cidade, como cabalmente provou o general Kellerman na sua proclamação, em que dizia, terem sido os criminosos habitantes de Beja, passados ao fio da espada, e as suas casas entregues á pilhagem e ao incendio.

E que diremos dos vencidos ?

Fugindo no meio do maior alarido e confusão, invadiram por sua vez as aldeias e logares visinhos da cidade, pedindo a cabeça de todos os traidores á patria, e dando a morte, com incrivel crueldade, aos que se lhes deparavam pedindo que se aquietassem.

Em Louredo assaltaram a casa do corregedor; e, tendo-se-lhes apresentado a irmã e Christovam Ayres Pinto a declarar que o corregedor tinha partido para Hespanha, como effectivamente partira, assassinaram ambos, atirando depois os cadaveres pelas janellas para a populaça que os arrastou pelas ruas do logar.

Os amotinados depois de terem passado uma revista minuciosa aos papeis do corregador, e de Ayres Pinto, onde encontraram algumas cartas que devéras os comprommetiam com os francezes, quebraram os moveis, as louças, tudo que encontraram, deitando em seguida fogo á casa, no meio de grande algasarra e gritos estridentes de alegria.

Envoltas em grandes rolos de fumo appareciam depois á varanda duas mulheres gritando por soccorro, pouco tempo, porem, foram ouvidas porque cairam quasi instantaneamente asfixiadas.

Estas mulheres eram as primas de Anninhas.

Tendo-se, pelo medo, refugiado em casa da irmã do corregedor, receiosas do furor popular, talvez pressentindo que lhes estava chegada a hora do castigo, haviam-se escondido no oratorio contiguo ao quarto da sua amiga, e ali aguardado tremulas de susto, que os revoltosos se retirassem.

O fumo, porém, que entrava já pelas fendas do sobrado e das portas, obrigaram-as a tomar esse expediente mais depressa do que tencionavam.

A falta de ar entontecia-as. Depois a escuridão que reinava em toda a casa e o fumo que era já muito, desorientava-as.

Para onde tomar, porque lado fugir ?

Andaram assim por espaço de alguns minutos correndo de sala para sala, tropeçando aqui, caindo acolá nos moveis partidos e deixados pelo meio da casa.

Agonisantes, mas sem se largarem uma á outra, como dois naufragos que se encontram debaixo d'agua e se agarram procurando salvarem se á custa da vida um do outro, perecendo os dois afinal, assim ellas pretendiam furtar-se á morte horrorosa que as ia envolvendo pertinazmente, cortando-lhe todas as saidas, não lhes deixando sequer por onde anteverem um unico meio de salvação.

Ambas com os dedos crispados pelo terror, as faces banhadas do doloroso suor da afflicção, os olhos saidos das orbitas, vestidos rasgados e o corpo ensanguentado, conseguem chegar, uma apoz outra, á vidraça de uma das janellas.

Se a abrissem poderiam talvez ter esperança de que viessem soccorrel-as.

O instincto da conservação impelle-as a ambas a tentarem abrir a janella.

Ha uma pequena lucta, muda, terrivel entre as duas irmãs, ambas querem a preferencia de chegar primeiro á varanda.

N'esta precipitação mais se demoram em fazer penetrar o ar, e cada segundo que passa é a aproximação rapida do desenlace fatal.

Ha instantes em que o coração já lhes pára de bater.

N'um supremo esforço de desespero conseguem partir os vidros e com as mãos retalhadas puxam as vidraças para si, ficando a janella aberta de par em par.

Avançam, combaleando, para a saccada ao mesmo tempo que o fumo encontrando uma saida se precipita tambem para fóra em turbilhões.

Ambas balbuciam um enfraquecido grito de soccorro, porém a voz expira-lhes na garganta e caem redondamente mortas.

As labaredas rompem então de todos os lados, e ao crepitar do incendio responde a grita confusa dos que, pondo de parte animosidades partidarias, e o proprio amor da patria, procuram salvar os seus haveres a risco da propria vida.

Ouve-se um estrondo medonho, são os tetos da casa em chammas que acabam de abater, levantando abundantes feixes de fagulhas, para servirem, como de tampa do athaude, a essas duas mulheres de que mais tarde só se deveriam encontrar alguns ossos carbonisados.

(Continúa) *Julio Rocha.*

REVISTA POLITICA

Depois da approvação da lei de meios, entrou em discussão no parlamento o tratado com o Estado Livre do Congo a respeito dos nossos limites na Lunda, discussão que provocou um bello discurso do sr. Ferreira do Amaral, antigo governador da provincia de Angola e que conhece o assumpto como os seus dedos.

O que o sr. Ferreira do Amaral disse do tratado é a mais completa condemnação da diplomacia que o contratou, apezar de todos os esforços que o sr. Carlos Roma do Bucage fez para o defender e para o exaltar até como uma grande conquista feita por Portugal.

Isto seria inacreditavel se não fosse uma triste realidade que o *Diario do Governo* evidenciou publicando o tratado, e que os nossos ouvidos escutaram na camara ouvindo a discussão.

Levantou-se todo o paiz contra o tratado anglo-portuguez, porque nos roubava uma boa parte da nossa Africa oriental, e deixou se ficar tranquillo ao tratar-se do nosso Congo e da nossa Lunda.

Pois o tratado a respeito da Lunda é ainda mais desgraçado do que o tratado anglo-portuguez. Sim aquelle tratado, sobre que a imprensa tem guardado silencio, noticiando-o apenas como a coisa mais natural d'este mundo, e que tem passado quasi desapercebido do publico, é a ruina da nossa provincia de Angola, graças á habilidade com que foi feito.

Ora a rasão da tranquilidade dos espiritos a respeito d'este tratado explica-se perfeitamente, desde que se tratava com uma potencia em egualdade de circumstancias com a nossa senão inferiores, em que os direitos d'essa potencia eram nenhuns

em presença dos nossos, e portanto que todas as concessões que lhe fizemos nunca nos deviam prejudicar, e finalmente porque nenhum *ultimatum* veio ferir o nosso orgulho nacional.

Pois foi tudo isto que nos fez mal. Se a Belgica nos tivesse ameaçado, se nos fizesse exigencias espectaculosas que accordassem com o seu ruido esta indolencia profunda em que enervamos, era de suppor, era mesmo certo, que o tratado da Lunda respeitasse os nossos interesses na provincia de Angola, não entregando ao Estado Livre do Congo, povoações que alimentam o commercio de Angola e que assim vão ser exploradas em proveito dos belgas com prejuizo dos portuguezes.

Depois do desgraçado tratado com a Belgica quasi que chegamos a achar bom o tratado anglo-portuguez, no que respeita ás concessões reciprocas.

Estes desastres diplomaticos, como os desastres financeiros cada vez evidenceiam mais a incapacidade dos nossos homens politicos, d'esses politicos que cada um se presume um estadista, e que tão bom dinheiro custa ao paiz a sua ignorancia e vaidade.

E a discussão do tratado, que durou umas tres sessões, foi o que de mais para notar se passou no parlamento, alem da auctorisação pedida pelo sr. ministro da fazenda para contrahir um emprestimo de 7:200 contos destinados a fazer dinheiro portuguez.

Este emprestimo provocou na camara dos pares um discurso do sr. visconde de Moreira de Rey, o qual terminou por declarar que não o votava por não saber o que era feito do outro de 45:000 contos que ha pouco se fizera.

Pois sr. visconde se V. Ex.ª, que anda lá pelas altas regiões politicas não sabe o que foi feito de tal emprestimo, muito menos o sabemos nós, que felizmente vivemos fóra d'essas regiões.

Tivemos ainda na camara alta o grotesco espectaculo de um discurso do sr. marquez de Vallada que a proposito da moralidade d'estes tempos, contou varias historias da antiguidade incluindo não sabe mos bem se a de Sodoma, até aos nossos dias, com o que muito divertiu a camara e não menos embeveceu, a soldadesca que o escutava das galerias.

Ao terminar-mos esta revista, cheganos a noticia do addiamento das camaras até ao dia 14 de novembro, resolução tomada no Conselho de Estado que reuniu no dia 8 para esse fim e approvação de outras leis. O sr. ministro da justiça antes de se encerrar a sessão, apresentou um projecto de lei sobre o arrendamento das casas, modificando alguns artigos do codigo civil que regulam este assumpto.

S. Ex.ª declarou que apresentava o seu projecto n'esta occasião para dar tempo a ser pensado maduramente, dizendo que se o mesmo fosse bem acceite pelo publico, seria convertido em lei, de contrario não teria duvida em o abandonar, o que parece mostrar que o mesmo sr. ministro não tem uma grande convicção sobre o projecto.

Na rapida leitura que fizemos d'este projecto vimos que elle faculta o pagar as rendas em menores prazos que os actualmente estipulados, assim como determina certas idemnisações aos inquilinos, quando estes tenham estabelecimentos industriaes ou commerciaes e sejam obrigados a mudarem-se por conveniencia dos senhorios.

Esta lei, que nos parece de todo o ponto justa, resalva entretanto os contractos especiaes, e por isso não sabemos se será o sufficiente para ficar tudo como d'antes.

E agora vamos ver que tal se sahe o dia 10 da entalação em que o metteram, de dar dinheiro a toda a gente que tiver papel.

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

O DECANO DOS GRAVADORES PORTUGUEZES, EM MADEIRA. — Falleceu em Lisboa na sua casa da rua do Cabo n.º 18, no dia 29 de junho ultimo, José Maria Baptista Coelho, o decano dos gravadores portuguezes, em madeira, que com Manoel Maria Bordallo Pinheiro, já fallecido tambem, iniciou aquelle genero de gravura em Portugal.

Na impossibilidade de publicarmos o seu retrato por nunca o ter tirado, limitamo-nos a escrever aqui algumas notas biographicas que podemos reunir.

José Maria Baptista Coelho, nasceu em Lisboa a 4 de julho de 1812. Dotado de intelligencia clara e genio emprehendedor, sentiu-se attrahido para essa vida aventurosa do mar, e ao concluir os seus primeiros estudos em que se incluia o curso da aula de Commercio, foi praticar pilotagem, fazendo algumas viagens ao Brazil. Mudou, porém de vida e por 1838 empregou-se na antiga repartição do Commando em Chefe, estando já casado.

Por esse tempo, travou relações com Manuel Maria Bordallo Pinheiro, outro espirito emprehendedor, que deixou boa memoria de si, e Bordallo reconhecendo em Baptista Coelho uma aptidão de artista, convidou-o a auxilial-o nos estudos de gravura em madeira que então andava fazendo. Assim Coelho principiou a gravar em madeira e as suas gravuras a apparecerem no *Jornal de Bellas-Artes*, fundado por Bordallo, e em outras publicações, que successivamente foram sahindo á luz, como o *Panorama*, o *Ramilhete*, a *Illustração Luso-Brazileira* e por fim o *Archivo Pittoresco* onde Coelho publicou os seus ultimos trabalhos.

José Maria Baptista Coelho alcançou boa fama com os seus trabalhos de gravura, e por muitos annos não foi conhecido em Portugal como gravador outro nome que o d'elle.

A edade, porém, principiou a attraiçoal-o ahi

O ACTOR CESAR POLLA — FALLECIDO EM 19 DE JUNHO DE 1891
(Segundo photographia)

pelos sessenta annos principiando por lhe diminuir consideravelmente a vista, indispensavel recurso do gravador, e Coelho já cançado dos buris e das escripturações commerciaes, em que tambem se empregava e era muito habil, dirigiu as suas vistas para a agricultura e procurou fazer-se lavrador.

A este tempo já se achava reformado do seu emprego do Commando em Chefe e fazia a escripturação da casa dos srs. condes de Nova Goa. Foi para as propriedades d'este fidalgo, na Asceiceira, que José Maria Baptista Coelho, partiu a iniciar a sua nova vida de agricultor.

Ainda n'esta sua tentativa Coelho affirmou o seu genio emprehendedor, pois estudou a especialidade a que se queria dedicar e ensaiou alguns novos processos de cultura, para o que luctou bastante com a tradicional rotina dos operarios agricultores.

Uma grave doença que o accommetteu algum tempo depois de estar na Asceiceira, obrigou-o a voltar para Lisboa ao fim de uma longa convalescença.

Em Lisboa quiz ainda cultivar a sua antiga arte, mas nem os seus olhos nem a sua saude lhes permittiram satisfazer os seus desejos d'artista, e por ultimo um ataque de parelesia impossibilitou-o completamente, até que a morte pôz termo áquella existencia torturada pela doença nos ultimos annos. O finado era cavalleiro de Christo, distincção que lhe foi conferida pela rainha a Senhora D. Maria II.

Foi uma vida laboriosa e que serviu honradamente o seu paiz com proveito para a arte.

A seus filhos os srs. Caetano Baptista Coelho e José Baptista Coelho, nosso amigo e collega, enviamos os nossos pezames.

VISITA DE SUAS MAGESTADES AOS MOSTEIROS DA BATALAHA E DE ALCOBAÇA. — Suas Magestades El-Rei D. Carlos e Rainha D. Amelia em companhia da princeza D. Helena visitaram no dia 25 do mez passado os mosteiros da Batalha e de Alcobaça. Suas Magestades partiram de Lisboa em comboio expresso até Leiria onde eram esperados pelas auctoridades civis, militares e ecclesiasticas, dirigindo-se depois em carruagens á Batalha sendo acompanhadas por todas aquellas auctoridades, por s. ex.ª o bispo conde de Arganil e grande concurso de povo.

No trajecto de Leiria á Batalha, proximo d'esta villa os cavallos da carruagem do sr. bispo Conde e de um outro trem espantaram-se na calçada, que conduz ao monumento, ao sentirem estalar os foguetes com que a população festejava a chegada de Suas Magestades. Isto deu logar aos dois trens se virarem de que resultou ficar ferido na cabeça um dos famulos do sr. bispo que o acompanhava, e muito mal tratado um criado da casa real.

Os trens milagrosamente escaparam de se precipitarem por uma ribanceira o que daria logar a maior desastre. Toda a comitiva se apeiou para accudir ao sinistro, incluindo Suas Magestades, mas felizmente o caso não teve mais consequencias além do que ficou dito, e seguiram todos a visitar o precioso monumento.

Os reis na sua visita não poderam deixar de mostrarem o seu desagrado pela vista d'uns caixões de madeira pintados de preto que provisoriamente — ha seculos — guardam as cinzas dos reis D. Affonso V, D. João II e do infeliz principe D. Affonso filho d'este, e que estão um, n'um altar do templo e os dois ultimos na casa do capitulo.

El-rei D. Carlos manifestou o desejo de dar sepultura condigna aos seus maiores e para isso encarregou o sr. João Christino da Silva, professor da Escóla de Desenho Industrial *Domingos Sequeira*, em Leiria, de fazer uns projectos de tumulos, no genero dos que guardam os restos dos filhos de D. João I na Batalha, para serem eregidos na capella real.

Terminada a visita real ao mosteiro da Batalha derigiram-se Suas Magestades para Alcobaça onde visitaram o sumptuoso mosteiro d'esta villa.

A Alcobaça chegou a comitiva real pelas 4 horas e 20 minutos da tarde sendo recebidas Suas Magestades com as maiores demonstrações de regosijo. Além da camara e mais auctoridades civis e militares que foram esperar Suas Magestades a Aljubarrota, esperavam os regios visitantes o pessoal da fabrica Fiação e Tecidos de Alcobaça, com o seu director á frente o sr. Joaquim Ferreira d'Araujo Guimarães.

Os operarios, eram em numero de 450, sendo 300 mulheres, que em seus trajos pittorescos de varias côres e tendo cada uma um *boquet* de flôres para offerecerem a Suas Magestades, apresentavam um aspecto festivo e commovedor.

Suas Magestades agradavelmente impressionadas pela enthusiastica recepção que lhes fazia o povo de Alcobaça dirigiram-se ao templo onde fôram recebidas debaixo do palio, sendo-lhe ali apresentadas pelo sr. Guimarães as creanças do asylo. El-rei e a Rainha visitaram a sala dos tumulos onde estão os de D. Ignez e D. Pedro que Suas Magestades se detiveram por algum tempo a vêr minuciosamente.

Do mosteiro passaram a visitar o quartel de cavallaria 9 onde El-rei deixou um donativo para melhoria do rancho.

Suas Magestades visitaram em seguida o hospital da Misericordia onde foram recebidas pelo provedor sr. Bernardino Lopes d'Oliveira e medicos srs. drs. José Sanches Barreto e Francisco Baptista Zagallo.

Os reaes visitantes mostraram-se muito satisfeitos pela boa ordem em que encontraram este estabelecimento de caridade o que declararam no livro que lhes foi apresentado para assignarem.

Sua Magestade a Rainha ficou extremamente agradada das bellezas de Alcobaça e prometteu ali voltar com mais demora.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43